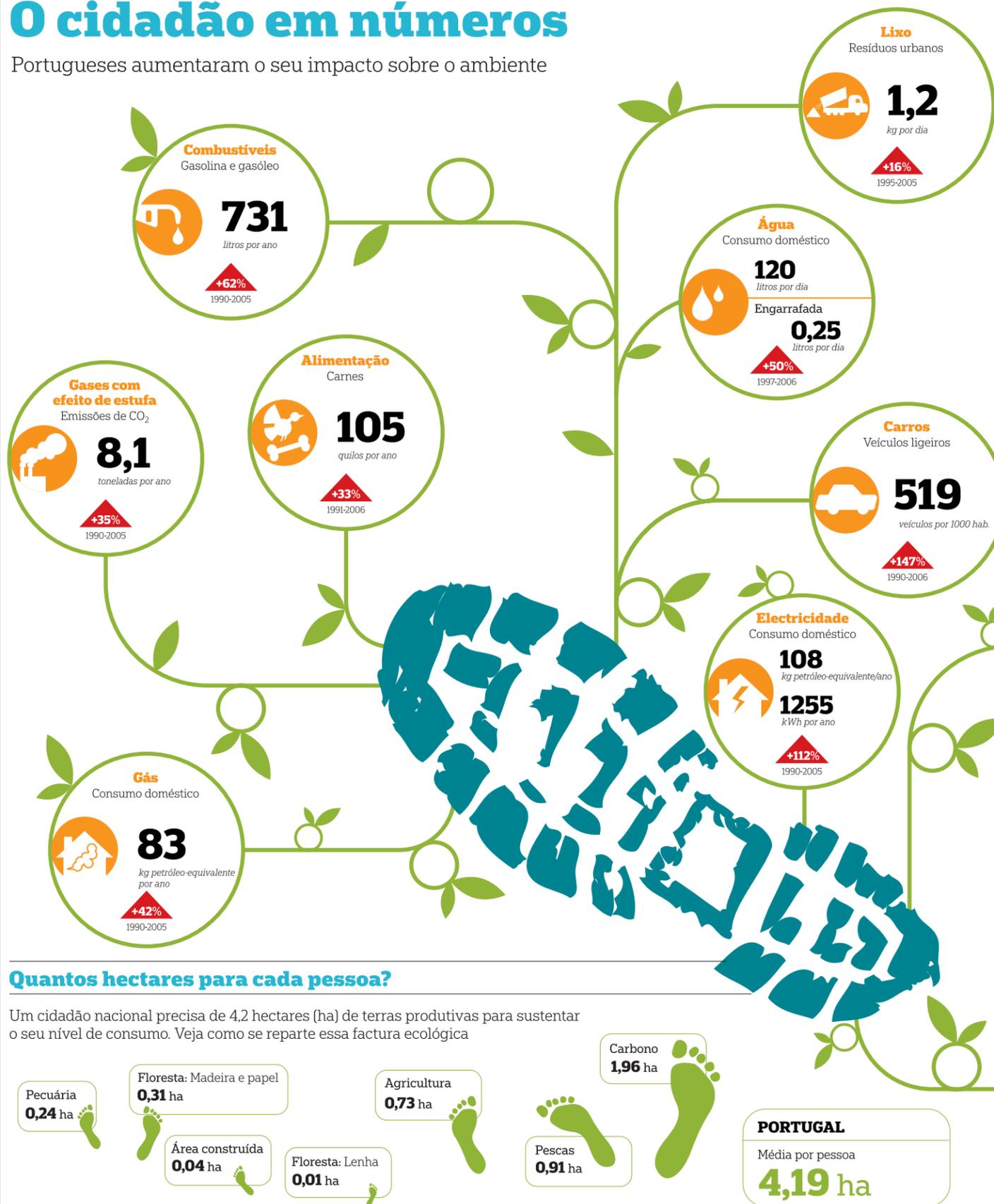


Pegada ecológica

Consumos e poluição per capita

O cidadão em números

Portugueses aumentaram o seu impacto sobre o ambiente



Um país que abusa da Terra

Portugal é insustentável. Seja qual for o indicador, resulta evidente que a sua economia e os seus cidadãos consomem mais recursos do que aqueles que é possível repor. Parte da solução está na atitude individual de cada um

Ricardo Garcia

Um quarto de litro de água engarrafada por dia. Cada português, em média, compra todos os dias uma garrafinha de água e a deita no lixo. Imagine os membros da sua família ou os colegas do trabalho, juntos, nesse mesmo ritual diário. Ou então um estádio de futebol cheio. E, todos os dias, os seus ocupantes a atirarem para a relva a sua garrafa de quarto de litro. É uma imagem virtual e até exagerada. Mas escolha-se qualquer indicador - e há muitos - e o resultado aponta sempre no mesmo sentido: Portugal não é um país sustentável, ou seja, os seus cidadãos consomem mais recursos do que aqueles que é possível repor. O índice que mostra mais facilmente essa realidade é o da "pegada ecológica", criado por

dois investigadores canadianos no princípio dos anos 1990. Para calcular a pegada de um país, toma-se a área que é necessária para abastecer os seus cidadãos com comida, com matérias-primas florestais, a superfície ocupada com construções e também aquela que seria necessária para absorver o dióxido de carbono das fábricas e automóveis.

País em débito

O resultado é um único número, calculado a cada dois anos pela organização Global Footprint Network. O mais recente, de 2006, diz que cada português precisa de 4,2 hectares de território produtivo para suprir as suas necessidades. O problema é que o país só tem 1,6 hectares de terras produtivas por habitante. E, para o mundo todo, a média é de 1,8 hectares. A conclusão amarga é a de que seriam necessários 2,4 planetas Terra ou 2,7 países como Portugal para sustentar o estilo de vida nacional.

A metodologia da pegada ecológica não está isenta de críticas. Muitos contestam a ideia de que um país só pode ser sustentável se

produzir os seus próprios recursos. "Isto não faz sentido", afirma Tiago Domingos, da Secção de Ambiente e Energia do Instituto Superior Técnico (IST). Além disso, diz o especialista, a pegada ecológica está muito dominada pela questão das emissões de dióxido de carbono.

Por isso, o IST está a ensaiar melhorias no conceito, introduzindo, por exemplo, outros indicadores, como a poluição atmosférica e o consumo de água. Mas, quando a comparação é feita com a capacidade do planeta, a pegada dá uma imagem razoável do peso ambiental de um país em diferentes momentos. "Apesar de ter limitações científicas, é um bom conceito, na medida em que fornece uma base de comparação", afirma Manuel Pinheiro, também especialista do IST.

Há, porém, outras pistas disponíveis sobre a sustentabilidade do país. A intensidade energética é uma delas. Em 1997, Portugal gastava o equivalente a 138 toneladas de petróleo para produzir um euro de riqueza. Em 2005, a factura tinha subido para 148 toneladas - quando na União Europeia, como um todo, a intensidade energética está a baixar.

Uma das explicações para esta evolução contrarrotante é o aumento do consumo de electricidade - sobretudo nas residências -, mas, ironicamente, num período de fraco crescimento económico.

Portugal também está a gastar mais recursos - minerais, biomassa e combustíveis fósseis - para alimentar a sua economia. Segundo dados do Eurostat, o consumo doméstico de materiais subiu 45 por cento entre 1995 e 2004, mas o produto interno bruto (PIB) só aumentou 26 por cento. A ecologia está a chegar ao

próprio cálculo da riqueza. Em Portugal está a ser desenvolvido um PIB "verde", que integra os encargos ambientais na contabilidade do crescimento económico (ver artigo adiante neste suplemento). A nível internacional, já existe um Índice de Bem-estar Económico Sustentável (ISEW, na sigla em inglês) que adota a mesma linha.

O Índice Planeta Feliz (HPI, na sigla em inglês), da Fundação Nova Economia, também alia o ambiente a outros indicadores para produzir um ranking de onde se vive melhor, com menos impacto sobre a Terra. O HPI põe o desconhecido Vanuatu - uma ilha do Pacífico - no topo da lista e a Colômbia, Costa Rica, Dominica, Panamá e Cuba entre os dez primeiros. Portugal está na 136ª posição, em 178 países.

Indicadores nacionais

Internamente, o Governo está a estudar a adopção de índices de sustentabilidade para o país. Para já, foi seleccionada uma lista de indicadores, mas apenas os mais directamente relacionados com o ambiente serão disponibilizados primeiro, através de um sistema na Internet, ainda em construção. "O nosso objectivo é, durante esse ano, montar a estrutura do sistema", afirma António Gonçalves Henriques, director da Agência Portuguesa do Ambiente.

Para o economista Henrique Schwarz, do Conselho Nacional do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CNADS), os indicadores são úteis e devem ser disponibilizados, como fonte de informação. No entanto, para transmitir uma ideia global da sustentabilidade, tem de haver uma forma mais sintética do que um extenso rol, com muitos indicadores. "Às vezes servem mais para confundir do que para esclarecer", diz Schwarz.

Para o cidadão comum, uma boa pista sobre a sua própria sustentabilidade está na clássica

fórmula I = PAT. O impacto humano (I) sobre o ambiente é igual ao produto da população (P), do consumo (A) e da tecnologia (T). A tecnologia pode melhorar - por exemplo, os carros são cada vez mais eficientes. Mas os benefícios podem ser anulados pelo aumento do consumo - mais deslocações, mais combustíveis.

É justamente aí - no "A" da equação - que estão as oportunidades para o cidadão contribuir para um ambiente melhor. Segundo o último Eurobarómetro sobre ambiente, publicado pela Comissão Europeia no mês passado, 86 por cento dos portugueses acreditam que cada um pode individualmente fazer algo em prol do planeta.

Mas entre as palavras e as acções vai ainda muita distância. Mais da metade dos portugueses diz separar o lixo para a reciclagem (54 por cento) e cerca de um terço poupa electricidade (35 por cento) ou água (32 por cento). Mas só 18 por cento se preocupam em reduzir o consumo de bens descartáveis e um em cada nove (11 por cento) afirma ter comprado produtos locais no último mês.

Quando a pergunta é o que é que os cidadãos devem fazer, 36 por cento dos portugueses dizem, por exemplo, que é necessário andar menos de carro. Mas apenas oito por cento afirmam que o fazem no dia-a-dia.

O sociólogo João Ferreira de Almeida, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, encara com naturalidade essas contradições. "Em certos aspectos das mudanças sociais, é normal que os valores antecipem as práticas", afirma.

Para Ferreira de Almeida, todavia, a inquietação sobre o ambiente está para ficar: "Por todos os lados, as questões ambientais estão no nosso quotidiano. Já não é possível olhar para o lado." Ou seja, está mais do que na hora de agir.

Quantos hectares para cada pessoa?

Um cidadão nacional precisa de 4,2 hectares (ha) de terras produtivas para sustentar o seu nível de consumo. Veja como se reparte essa factura ecológica



Seriam necessários:

2,7 países iguais a Portugal

Para sustentar o nível de consumo dos portugueses

2,4 planetas Terra

Se a população mundial tivesse o nosso nível de consumo

Pegada ecológica em Portugal - 1961-2003

